37/06
JUNHO 1984

A LAMPONA

Junho de 1984 PBMA0460PO **Volume 37 • Número 6**

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

Executivo do International Magazine:
M. Russell Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção

A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

Correntes Marítimas e Influências Familiares, *Presidente Spencer W. Kimball* 1

Instilar a Imagem Certa, *Sherrie Johnson* 8

Perguntas & Respostas: Como Pedro Andou sobre a Água, *F. David Lee* 15

O Termo "Mórmon", *Dean B. Cleverly* 18

E Aplicamos as Escrituras ao Nosso Casamento, *Spencer J. Condie* 20

Patos São Diferentes, *Ann M. Madsen* 26

Linha de Comunicação, *Elizabeth Swilley* 31

Não Julgueis, *Carol Lynn Pearson* 35

A Vitória de Steve, *Carol Ann Prince* 40

SEÇÃO INFANTIL:

De Um Amigo para Outro: Neal A. Maxwell, *Janet Peterson* 1

A Amiguinha Calada, *Jeanne W. Pittman* 5

Só para Divertir 8

Capa: O Domo da Rocha, em Jerusalém, fotografado por Wm. Floyd Holdman.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

CORRENTES MARÍTIMAS E INFLUÊNCIAS FAMILIARES

Presidente Spencer W. Kimball

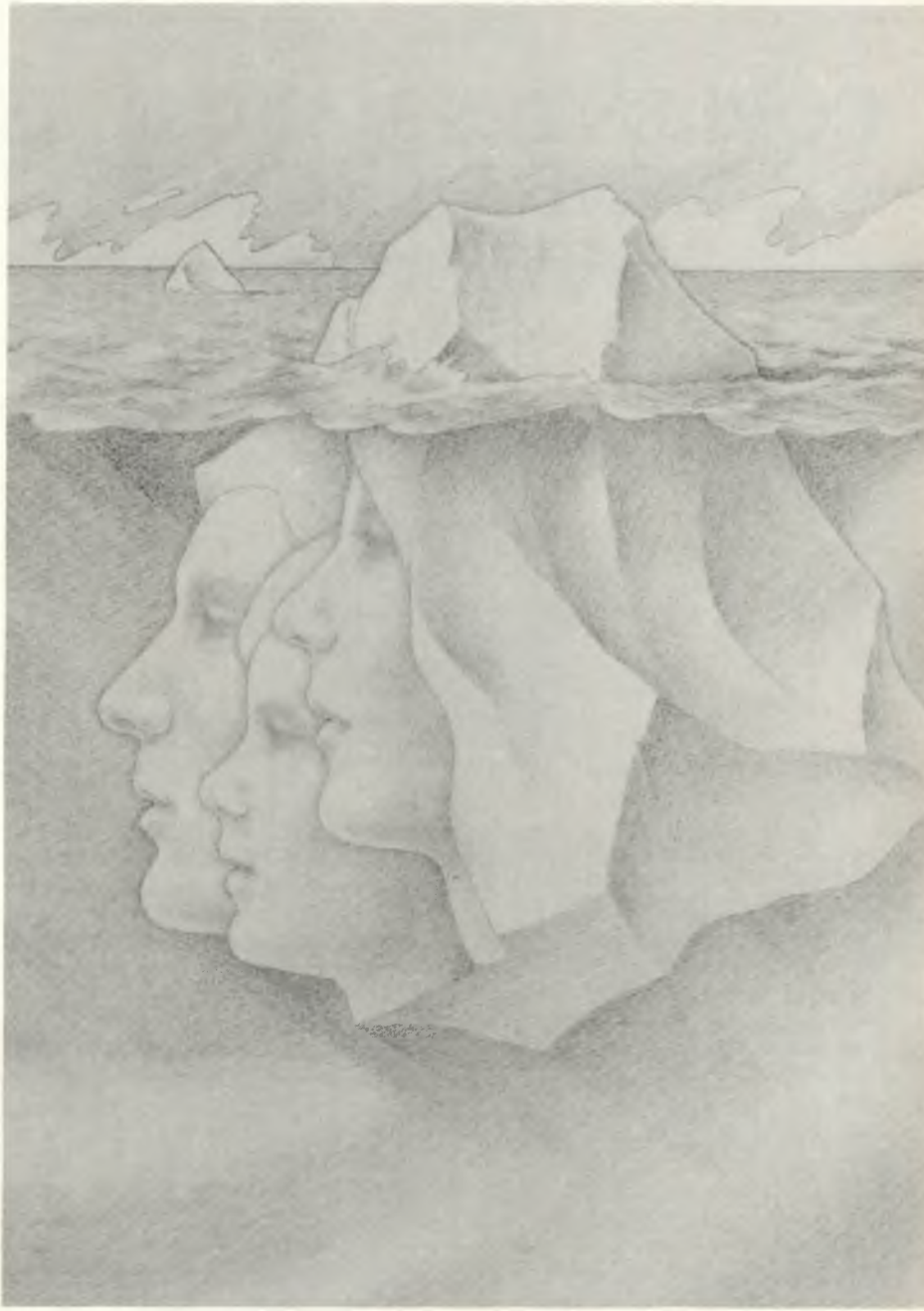
Este impressivo e importante discurso foi feito pelo Presidente Kimball na conferência geral de outubro de 1974. Por recomendação do Presidente, ele está sendo reimpresso para estudo individual e familiar.

Recordo-me perfeitamente da primeira vez em que vi um *iceberg*. Foi em 1937 quando minha esposa e eu fizemos nossa primeira travessia marítima do Oceano Atlântico, partindo de Montreal, no Canadá.

Um dia, quando já estávamos em alto mar, houve um alvoroço no navio — um *iceberg* estava a vista. A maioria dos passageiros correu para o convés a fim de não perder essa visão. Pudemos vê-lo à distância — um enorme bloco branco recortado contra o mar escuro e o azul anil do céu.

E lá estava flutuando majestoso na calma do mar, qual pico pontiagudo de alguma cordilheira, uma coisa de extraordinária beleza. A vida inteira vinha ouvindo falar deles e agora, pela primeira vez, tinha um diante de meus olhos — uma escarpada montanha de puro gelo.

Ele nos trouxe à memória o trágico desaparecimento do *Titanic*, o transatlântico da White Star Line em sua viagem inaugural. Na noite de 14 de abril de 1912, um enorme *iceberg* colidiu com o grande e moderno navio. Mil quinhentas e três pessoas, muitas delas



Se conseguirmos criar em nossa família uma forte e contínua corrente fluindo na direção de nossa meta de vida justa, nós e nossos filhos seremos levados por ela, a despeito dos ventos contrários.

personalidades conhecidas da Grã-Bretanha e Estados Unidos, morreram afogadas no desastre; apenas setecentas e três puderam ser salvas.

Em princípios da década de setenta, voando da Inglaterra para os Estados Unidos, sobrevoamos a Groenlândia e vimos outros *icebergs*. Grande parte do vôo transcorrera acima das nuvens, mas chegando à altura da Groenlândia, o céu estava totalmente limpo e o sol brilhava luminoso. Raramente o olho humano tem a oportunidade de ver tanta beleza e grandiosidade. A grande ilha estendia-se lá, distante, qual domo coberto de gelo. Vimos as grandes geleiras deslocando-se vagarosamente pelos vales até o mar onde se partem e dão origem aos *icebergs*. Os fiordes encontravam-se repletos de flutuantes montanhas de gelo que se dirigiam para o mar. Era ali que nasciam os incontáveis *icebergs*, semelhantes ao que contempláramos há mais de trinta anos.

Os *icebergs* produzidos pelas geleiras da Groenlândia seguem um curso bastante previsível. Movendo-se incessantemente para o sul, através do Estreito de Davis e Baía de Bafin. A Corrente do Labrador arrasta consigo essas imensas montanhas de gelo mesmo contra a força dos ventos, ondas e marés. As correntes marítimas têm muito mais força para controlar a direção dos *icebergs* do que os ventos da superfície.

Nós comparamos esse conflito das forças da natureza com as conseqüências em nossa própria vida quando a corrente desta, determinada e desenvolvida na família pelos ensinamentos justos dos pais, muitas vezes controla o rumo seguido pelos filhos a despeito das vagas e ventos adversos das influências maléficas do mundo.

Debaixo das ondas do mar, existem forças invisíveis de enorme poder que precisamos levar em conta, e forças semelhantes há também em nossa própria vida.

O maior dos rios não passa de um arroio comparado com as grandes correntes marítimas, das quais a Corrente do Labrador é considerada uma das mais espetaculares. Logo em seguida vem a Corrente do Golfo que leva água aquecida da porção oriental do Golfo do

A corrente de nossa vida deve ser determinada e fortalecida pela vida de nossos pais e de nossa família.

México, subindo pela costa leste dos Estados Unidos e depois cruzando o Oceano Atlântico para aquecer as costas européias. Embora bem menos extensa, a Corrente do Labrador carrega, ano após ano, fiel e incessantemente, milhares de *icebergs* do seu nascedouro na Groenlândia para o sul até se desintegrarem ou derreterem nas águas mornas da Corrente do Golfo. Foi justamente no ponto em que a Corrente do Labrador se encontra com a Corrente do Golfo que o *Titanic* encontrou seu destino fatal.

Exatamente como acontece aos *icebergs*, o rumo de nossa vida é também determinado em grande parte por forças que mal percebemos. É verdade também, entretanto, que nos parecemos mais a navios que a *icebergs*. Dispomos de força motora própria e se ficarmos atentos às correntes, podemos tirar proveito delas.

Assim, criando em nossa família uma forte e contínua corrente fluindo na direção de nossa meta de vida justa, nós e nossos filhos seremos levados por ela a despeito dos ventos contrários da adversidade, decepções, tentações e modismos.

Jovens e adultos estamos sujeitos a tantos ventos turbilhonantes que às vezes chegamos a duvidar se conseguiremos sobreviver. Os ventos dos modismos impelem os que são inseguros e precisam sentir-se em harmonia com a multidão. Os ventos da tentação sexual empurram alguns para a destruição de seu casamento, ou frustração de perspectivas brilhantes ou degradação pessoal. Más companhias, drogas, linguagem profana, irreverência arrogante, pornografia — tudo isso e muito mais atua como influências poderosas se não estivermos sendo levados por uma forte e constante corrente para a vida justa. A corrente de nossa vida deve ser determinada e fortalecida pela vida de nossos pais e de nossa família.

Em todos nós existe o potencial de nos tornarmos deuses — puros, santos, genuínos, influentes, poderosos, independentes das forças terrenas. Aprendemos pelas escrituras que temos, sem exceção, uma existência eterna, que no princípio estávamos com Deus. (Ver Abraão 3:22.) Tal conhecimento nos proporciona um senso singular da dignidade do homem.

Tenho visto, às vezes, filhos de boas famílias se rebelar, resistir, desgarrar-se, pecar, chegando mesmo a afrontar a Deus. Com isto causam dor aos pais que se esforçaram ao máximo para pôr em ação uma corrente justa, e ensinar e ser um exemplo. Mas tenho visto também, freqüentemente, esses mesmos filhos amadurecer depois de anos de vida errante, dar-se conta do que estão perdendo, arrepender-se e contribuir consideravelmente para a vida espiritual de sua comunidade. Creio que isso acontece porque, a despeito de todos os ventos adversos a que estiveram sujeitos, continuaram sendo influenciados, e muito mais do que percebiam, pela corrente vital do lar em que foram criados. Quando, anos mais tarde, sentem o anseio de recriar na própria família a mesma atmosfera que respiravam

quando crianças, sentem-se impelidos a retornar à fé que deu sentido à vida de seus pais.

Obviamente, não existe nenhuma garantia de que os pais justos sempre consigam segurar os filhos, e certamente podem perdê-los se não fizerem tudo ao seu alcance. Os filhos têm o livre arbítrio.

Mas se nós, como pais, deixarmos de influenciar nossa família, colocando-a no "caminho estreito e apertado", certamente as vagas, os ventos da tentação e do mal, arrastarão os filhos do caminho reto.

"Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele." (Provérbios 22:6.) O que sabemos é que os pais justos que se empenham em exercer influência salutar em seus filhos serão inocentados no último dia, e conseguirão salvar a maioria de seus filhos, se não todos.

A competição pelas nossas almas é descrita em Mosiah.

"Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai." (Mosiah 3:19.)

"Homem natural" é o "homem terreno" que permitiu que sua inclinação espiritual fosse sobrepujada pela grosseira paixão animal.

O ponto de partida para a boa paternidade é um casamento seguro, no qual existe o compromisso de ajustamento pessoal para poderem viver juntos para sempre. Com esse fundamento seguro, nossos filhos têm a

sensação de paz.

Analistas de nossa época moderna destacam que, neste mundo em rápida mutação, as pessoas sofrem uma espécie de choque pela perda do senso de continuidade. A própria mobilidade da sociedade moderna implica que nossos filhos muitas vezes mudem de um lugar para outro, perdendo assim o contato freqüente com avós, tios, tias, primos e vizinhos de longa data.

É igualmente importante que cultivemos em nossa família o senso de que nos pertencemos eternamente, que independentemente do que possa mudar fora do lar, aspectos fundamentais de nosso relacionamento nunca mudarão. Devemos incentivar nossos filhos a conhecerem os parentes. Devemos falar deles, manter correspondência com eles, visitá-los, participar de organizações

familiares etc.

Quanto tempo faz que tomaram os filhos em seus braços, não importa o tamanho deles, para dizer-lhes que os amam e são gratos por serem seus para sempre? Quanto tempo faz que você, marido ou mulher, comprou um presentinho como surpresa para seu companheiro simplesmente para agradá-lo? Quanto tempo faz que trouxe para casa uma rosa ou fez uma torta com um coração recortado na massa, ou fez outra coisa qualquer para dar mais calor e afeto à vida?

Se planejam contribuir para uma causa meritória ou passar uma manhã de sábado ajudando o quorum de élderes a pintar a casa de uma viúva, certifiquem-se de que seus filhos saibam disso, e se possível, permitam que participem da tomada de decisão e da consecução da mesma. A família inteira poderá comparecer ao batismo, confirmação e ordenação de um familiar. A família inteira pode prestigiar um filho que faz parte de um time. Todos podem encontrar-se regularmente para a noite familiar, na hora das refeições e oração. A família inteira, quem sabe, poderia pagar o dízimo em conjunto, todos aprendendo assim esse belo princípio por preceito e pelo exemplo.

O lar deve ser um lugar em que depender do Senhor é coisa habitual e não reservada para ocasiões especiais. Um meio de conseguir isto é orar regular e sinceramente. Não basta apenas orar. É essencial que realmente conversemos com o Senhor, tendo fé que, como pais, ele nos revelará o que precisamos saber e fazer para o bem de nossa família. Tem-se dito de certos homens que, quando oravam, era provável uma criança abrir os olhos para ver se o Senhor estava realmente ali, tão pessoal e direta era a prece deles.

O filho que sai de casa para estudar ou cumprir missão, a esposa acometida de estafa, um membro da família que se casa ou deseja orientação para uma decisão importante, são todas situações em que o pai, no exercício de sua responsabilidade patriarcal pode abençoar a família.

E não nos devemos esquecer de que, particularmente na ausência do pai, a mãe poderá orar com seus filhos, invocando sobre eles as bênçãos do Senhor. Ela não estará agindo em virtude de sacerdócio a ela conferido, mas em virtude da sua responsabilidade, dada por Deus, de governar sua casa em retidão.

Num aspecto importante nós somos diferentes dos *icebergs*. Nós temos força propulsora e portanto somos capazes, como os navios, de escolher o rumo que queremos seguir. Conhecendo as correntes, podemo-nos aproveitar delas. Consta que muitos grandes petroleiros e graneleiros que viajam da América do Sul para portos da costa atlântica, se aproveitam da Corrente do Golfo assim como os aviões procuram tirar proveito das correntes aéreas.

Ou, se queremos resistir à corrente, podemos fazê-lo; todavia, ela terá inevitavelmente certo efeito. Conta-se que quando o explorador ártico Almirante Robert Peary seguia para o Pólo Norte, acabou ficando sobre um banco de gelo flutuante do tamanho de uma ilha o qual era arrastado para o sul por uma corrente mais depressa do que Peary avançava para o norte com seu trenó puxado a cães.

Meus irmãos e irmãs, o lar é o nosso refúgio; o lar, nossa família, é a nossa base. Vida familiar, vida doméstica, filhos e pais amando-se mutuamente e dependendo uns dos outros, é a vida que o Senhor planejou para nós.

Agora, nós os abençoamos e lhes

trazemos as bênçãos do Senhor dos céus. Irmãos e irmãs, eu sei que esta é a obra do Senhor. Sei que o Senhor vive — o Deus que esteve com Adão, o Deus que desceu até as ribanceiras do Jordão para dizer: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:17), para apresentá-lo a um mundo que dependia totalmente dele. Sei que o Deus que adoramos veio ao Monte da Transfiguração e mais uma vez repetiu aos servos Pedro, Tiago e João, os quais deviam assumir a obra do Senhor mesmo em suas imperfeições: "Este é meu amado Filho em quem me comprazo" (Mateus 17:5), o mesmo Deus — sabemos que ele vive e existe — que veio ao Estado de Nova York e disse as mesmas coisas que havia dito aos nefitas — e agora dizia a um mundo que caminhava nas trevas há muito, muito tempo: "Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!" (Joseph Smith 2:17.)

Eu sei que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Eu o sei. Sei que o evangelho que ensinamos é o Evangelho de Jesus Cristo, e a igreja a que pertencemos é a Igreja de Jesus Cristo; ela ensina suas doutrinas, suas normas e seus programas. Sei que se todos nós vivermos o programa conforme ele no-los deu e continuará a dar, todas as bênçãos prometidas serão nossas. ★

O lar deve ser o lugar em que depender do Senhor é coisa habitual e não reservada para ocasiões especiais.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem:

1. Nós podemos criar na família uma forte e contínua corrente fluindo na direção da nossa meta de vida justa.
2. Aprendemos pelas escrituras que temos, sem exceção, uma existência eterna, que no princípio estávamos com Deus. Tal conhecimento nos proporciona um senso singular da dignidade do homem.
3. A corrente da vida no lar influencia os filhos em crescimento muito mais do que imaginamos — uma influência que é capaz de devolvê-los ao aprisco da retidão mesmo depois de anos de vida errante.
4. O ponto de partida para a boa paternidade é um casamento seguro, no qual existe o compromisso de ajustamento pessoal para poderem viver juntos para sempre.
5. Quanto tempo faz que tomou seus filhos nos braços, não importa o tamanho deles, para dizer-lhes que os ama e é grato por serem seus para sempre?

Sugestões para o Debate:

1. Fale do que sente pessoalmente a respeito da importância de se chamar atenção para a família eterna. Peça aos familiares que compartilhem seus sentimentos.
2. A mensagem contém passagens das escrituras que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família a respeito da influência da família sobre nossa vida? ★

INSTILAR A IMAGEM CERTA

Sherrie Johnson

Enquanto aprendia a costurar, fiquei muito frustrada quando mamãe me explicou com toda clareza como pregar um zíper. Por mais que me esforçasse em escutar e compreender, não conseguia seguir suas instruções além de certo ponto. Então era obrigada a voltar para pedir novas explicações.

Descobri finalmente que se observasse um zíper devidamente pregado enquanto ela explicava, e voltasse a observá-lo enquanto pregava o meu, eu conseguiria fazê-lo.

Desde essa descoberta, tenho verificado que esse mesmo princípio é aplicável a outras áreas de nossa vida. Palavras nem sempre bastam para se transmitir uma nova informação. Freqüentemente, é preciso que sejam acompanhadas de uma imagem ou ilustração mental para que a comunicação seja efetiva.

Anos atrás, uma experiência impressionante ajudou-me a compreender a importância dessa imagem mental para meu desenvolvimento espiritual.

A vida inteira tinha ouvido falar das recompensas proporcionadas pelo estudo diário das escrituras, sem nunca ter conseguido formar esse hábito. Então, certo dia, passei a fazer parte de um comitê de trabalho com mais cinco pessoas que tinham o firme hábito de estudar as escrituras. Percebi seu grande domínio das escrituras na solução de problemas e ensino de seus semelhantes. Maravilhou-me a maneira como usavam as escrituras para evitar o desânimo pessoal e aconselhar-se. Observando-as, comecei a pensar quão melhor seria minha vida se tivesse o hábito de estudar regularmente as escrituras. De repente, eu as estava estudando diariamente.

Formar uma boa imagem mental de quem somos e quais são nossos valores ajuda a determinar quem nos tornamos e como vivemos. Nossa auto-imagem ajuda

Ilustrado por Mark Robinson

Muitas vezes durante minha juventude, as histórias da vida de meu bisavô me incentivaram a procurar ser uma pessoa mais cristã.

Dou-me conta de que meu bisavô, sendo humano, deve ter tido falhas e imperfeições. Mas ninguém jamais me contou quais eram.

a definir o nosso eu... e nos leva a agir de acordo. Imagens e idéias mentais precedem qualquer ato nosso; elas podem ajudar ou obstar nosso progresso na retidão.

Satanás, por exemplo, utiliza esse princípio para levar as pessoas à servidão. Se consegue que nos imaginemos pecadores inatos, passamos a nos sentir constrangidos na Igreja ou perto de pessoas justas, e nos afastamos dos caminhos do Senhor. Uma vez definidos como pecadores, sem esperança ou desejo de redenção, buscamos caminhos que estejam de acordo com essa percepção e persistimos no pecado até ficarmos "acorrentados ao inferno". (Alma 13:30.)

Por outro lado, se nos considerarmos filhos de Deus, estaremos mais inclinados a agir de acordo. À medida que a imagem mental que fazemos de nós cresce e amadurece estaremos empenhados em adquirir as qualidades e dotes que são nossa herança divina — bondade, amor, honestidade, consideração e bom humor. O resultado é liberdade, em vez de servidão.

Alma incentivava seu povo a desenvolver e conservar uma boa auto-imagem. "Haveis recebido sua *imagem* (de Cristo) em vossos semblantes?", perguntava-lhes. "... Olhais para *a frente* com a vista da fé, e *vedes* este corpo mortal levantado em imortalidade, e esta corrupção levantada em incorrupção, para apresentar-vos diante de Deus e serdes julgados de acordo com as obras feitas no corpo mortal?...

"Podeis *imaginar* ouvir a voz do Senhor, dizendo-vos naquele dia: Vinde a mim, vós que sois abençoados, pois que vossas obras foram obras de justiça sobre a face da terra?" (Alma 5:14-16; grifo nosso.)

Alma sabia que para ajudar as pessoas a experimentarem os caminhos do Senhor é importante ajudá-las a formar uma imagem mental de si próprias realizando as obras do Senhor.

Como pais, temos a responsabilidade de instilar essas imagens mentais enquanto nossos filhos são pequenos, para que elas possam ajudar a orientar a conduta deles.

Um dos mais eficazes meios de se instilar a imagem certa em nossos filhos é pelo uso das escrituras e histórias familiares. A imagem do que eu queria ser começou a formar-se com as histórias de meu bisavô, Robert D. Young. Ele faleceu aos noventa e cinco anos, quando eu tinha quatorze. Mas eu amo esse homem tanto como se tivesse estado sempre ao meu lado ensinando-me todo passo que eu deveria dar.

Tenho poucas lembranças pessoais dele, mas cresci ouvindo histórias a seu respeito. Uma de minhas prediletas falava de quando, ainda adolescente, empregou-se com um grupo de vaqueiros para conduzir um rebanho do Colorado até o Texas. O dono do rebanho, homem muito abastado, acompanhara-os durante os primeiros dias, mas depois partiu para cuidar de outros negócios. No caminho para o Texas os outros vaqueiros, todos bem mais velhos que meu bisavô, passavam o tempo de folga fazendo coisas que ele não considerava apropriadas. Então costumava procurar um cantinho sossegado para estudar matemática e engenharia.

Na noite antes de chegarem a seu destino, os outros vaqueiros decidiram ir a uma cidade próxima para festejar a chegada segura. Tentaram convencer vovô a acompanhá-los, mas este insistia em dizer que fora contratado para cuidar do gado e era isto o que faria. Mais tarde, na mesma noite, chegou o dono encontrando vovô sozinho com o rebanho. Ficou tão impressionado que lhe ofereceu metade de tudo que tinha para que se tornasse seu sócio, o que significava nunca mais ter falta de coisa alguma, mas ele recusou. Respondeu simplesmente que não sentia ser aquilo o que o Senhor queria que fizesse.

Lembro-me de ter pensado muitas vezes na juventude: "Quero ser igualzinha a ele!" Outras vezes, perguntava a mim mesma: "O que vovô faria?", para então agir de acordo.

Histórias edificantes da crônica familiar ajudam as crianças a desenvolver a imagem de seu divino potencial. Outro meio de fazê-las identificar-se com bons exemplos é dizer: "Você se parece muito com..." ou "Isto lembra o que você faria". Devemos, entretanto, evitar a tentação de exortar para que as histórias não percam sua eficácia.

Dou-me conta de que meu bisavô, sendo humano, deve ter tido falhas e imperfeições. Mas ninguém jamais me contou quais eram, e assim fiquei livre para pensar apenas em seu lado bom. Este é um dos segredos para se instilar uma imagem certa em nossos filhos. Ressaltar o negativo, a menos que contenha uma boa lição, não ajuda ninguém. Falar do positivo, porém, cria uma imagem mental à qual a criança pode apegar-se e com a qual identificar-se.

Assim também, nossos outros parentes ou vizinhos, professores, líderes e outros podem servir de bom exemplo para as crianças. É sumamente proveitoso identificar verbalmente as virtudes dessas pessoas, e dar oportunidade a que elas contem suas histórias edificantes e prestem seu testemunho quando nossos filhos estão presentes.

Certa noite, fiquei observando a reação de minhas filhas quando uma bonita amiga que nos visitava, contou como conhecera seu marido. Seus olhos brilhavam ao explicar que se tivesse desobedecido ao pai, conforme se sentira inclinada a fazer na ocasião, não teria tido oportunidade de conhecer o homem com quem mais tarde se casaria. Minhas filhas sorveram suas palavras qual esponjas sedentas. A história causou-lhes profunda impressão. Se eu houvesse tentado explicar-lhes o mesmo princípio, possivelmente o teriam tachado de "sermão". O entusiasmo, animação e afeto de minha amiga, entretanto, tornaram-no uma experiência memorável e proveitosa.

Noutra ocasião, dividi um quarto de hospital com uma encantadora senhora de oitenta e tantos anos que havia fraturado o quadril. Apesar das dores intensas estava decidida a andar novamente, transbordante de fé e otimismo. Passadas poucas semanas depois que deixei o hospital, levei minhas filhas a conhecer essa boa senhora e seu marido. Foi uma visita maravilhosa. Eles nos contaram muitas histórias de fé e amor ao evangelho. Agora, passados quatro anos, as meninas ainda conservam a impressão da fé, alegria e amor produzidos pelo envelhecer no evangelho.

Ao expor nossos filhos ao maior número possível de bons exemplos, entendíamos que nós, seus pais, devíamos ser seus mais impressivos exemplos. Todavia, como muitos pais, às vezes fico desanimada ao ver meus filhos adquirirem com tanta facilidade minhas falhas, a despeito do meu esforço em adverti-los contra elas. Sei que a melhor maneira de passar aos meus filhos a imagem certa é *ser* eu mesma o que quero que *eles* sejam. Um dos maiores auxílios nesse sentido é ambos os cônjuges aproveitarem toda oportunidade possível para edificar o outro diante dos filhos.

Um homem sábio contou-me que logo nos primeiros anos de casamento ele e sua mulher perceberam que maus hábitos e traços negativos de caráter se destacam por causa das conseqüências desagradáveis, enquanto que as boas qualidades passam geralmente despercebidas, particularmente para a criança que tem pouca experiência com o mundo. A fim de ajudarem os filhos a identificar as imagens certas, esse casal resolveu apontar as virtudes um do outro aos filhos sempre que surgia uma oportunidade.

Este pequeno conselho vale ouro! Por exemplo, quando as crianças e eu ficamos no carro enquanto meu marido entra no posto para pagar a gasolina, aproveito a oportunidade para comentar: "Vejam só que homem extraordinário. Ele ama a Deus e se esforça muito para guardar os mandamentos." Outras vezes sou mais específica: "Sabem o que mais aprecio no pai de vocês?", pergunto ao servir o almoço. "Adoro sua sensibilidade. Notaram seus olhos marejados de lágrimas quando a Irmã Jones prestou testemunho, ontem?"

Isto não só cria uma imagem, como de fato estou dizendo às crianças: "É a isto que dou valor, isto é importante para mim. São qualidades que me deixarão orgulhosa de vocês, também."

Outra maneira de definir a imagem certa para os filhos é ajudá-los a entender sua bênção patriarcal. Ela fala da herança que poderão ter, da linhagem a que pertencem e de algumas de suas prometidas bênçãos. Geralmente menciona também algumas boas

qualidades e traços de caráter que possuem. Ao ressaltar esses traços e usá-los como descrição real da criança, eles podem tornar-se parte de sua auto-imagem.

Frases como: "O Pai Celestial está contente com você", ajudam a criança a julgar-se boa e aceita.

Entretanto, não precisamos esperar que um filho receba a bênção patriarcal para dar ênfase a suas virtudes, nem limitar-nos a citar apenas as qualidades mencionadas na bênção. Disse Parley P. Pratt: "Um ser inteligente, à imagem de Deus, possui cada órgão, atributo, sentido, simpatia, afeição, inclinação, sabedoria, amor, poder e dom que ele possui.

"Mas o homem possui apenas um rudimento dessas características — esses atributos são apenas embrionários nele e devem ser desenvolvidos gradualmente." (*Key to the Science of Theology,* 4. ed., p. 101.)

Uma vez que nossos filhos já possuem atributos de virtude, nossa tarefa é fazer com que os reconheçam, permitir que se desenvolvam e não deixar que sejam esquecidos.

Mais ou menos na época em que foi para a escola, nossa filha Anissa, apelidada de Niss, passou a levantar todos os dias com uma atitude negativa que afetava a família inteira. Então comecei a chamá-la de "Happy Niss". (Niss Feliz.) Pode parecer estranho, porém não era uma mentira pois eu sabia que o bom humor é uma de suas qualidades inatas.

"Bom dia, Happy Niss", dizia eu com voz alegre, ao que retrucava: "Não estou nada feliz, sou apenas Niss."

Persisti em chamá-la assim. As coisas começaram a melhorar, embora de vez em quando ainda levantasse de mau

Um ser inteligente... possui cada... atributo,... poder e dom que o próprio Deus possui.

humor. Então, certa noite ao colocá-la na cama, comentei: — Sabe o que eu adoro, Happy Niss?

— O quê? — perguntou.

— Adoro ver seu grande e alegre sorriso logo pela manhã. O dia inteiro fica melhor quando seu sorriso é a primeira coisa que vejo.

Ela não disse uma só palavra. Na manhã seguinte, enquanto preparava o desjejum senti um tapinha nas costas. Voltando-me, dei com minha Anissa despenteada, olhos ainda sonolentos e o rosto tomado pelo mais estranho sorriso forçado que já vi.

"O que aconteceu..." fui falando, depois parei, lembrando-me do que dissera na noite anterior. "Ora, o meu sorriso!" exclamei apertando-a nos braços. "Agora tenho certeza de que vai ser um ótimo dia!" E foi mesmo.

O verdadeiro clímax dessa experiência deu-se numa recente noite familiar quando cada um de nós devia citar uma qualidade que nos torna especial ou único. Anissa respondeu imediatamente: "Estou sempre alegre." A idéia tornara-se parte de sua auto-imagem.

Proporcionar aos filhos a imagem certa para seguir é talvez uma das coisas mais importantes que podemos fazer por eles. Imaginando-se pessoas boas, retas, suas ações geralmente seguem o mesmo padrão.

Afinal, a imagem que usamos para determinar nossas ações deve ser a imagem de Cristo. Como disse Alma: "Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?" (Alma 5:14.) Antes de podermos levar nossos filhos a receberem essa imagem, precisamos adotá-la pessoalmente. Para isso temos de ler e estudar a vida e ensinamentos do Salvador, compartilhando o que aprendemos com nossos filhos. Precisamos familiarizar-nos para que não sejam apenas palavras para nós — mas conceitos, idéias, *imagens* mentais de quem e o que somos. ★

Sherrie Johnson, mãe de oito filhos, serve na Sociedade de Socorro da Estaca Oeste de Bountiful, Utah.

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta: Pode-me ajudar a entender o significado do relato de como Pedro andou sobre a água?

Resposta: F. David Lee, conselheiro na presidência da Escola Dominical da estaca e professor de Doutrina do Evangelho, Estaca Annandale Virginia.

Para entender melhor o incidente no qual Pedro andou sobre a água, precisamos examinar primeiro as circunstâncias em que se deu.

Depois de haver alimentado os cinco mil, Jesus mandou que seus discípulos tomassem um barco e atravessassem o Mar da Galiléia enquanto ficaria para dispersar a multidão e para orar. Durante a travessia levantou-se uma ventania que fez o barco ser jogado de cá para lá pelas ondas. Para piorar sua aflição, os discípulos viram uma coisa que pensaram ser um espírito e gritaram de pavor. O que viam, entretanto, era Jesus andando sobre as ondas. Apesar de o Salvador identificar-se e dizer que não precisavam temer, alguns no barco continuaram duvidando. Então Pedro lançou o desafio: "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas." E Jesus respondeu: "Vem." (Mateus 14:28-29.)

Deixando o barco, Pedro andou sobre a água como Jesus. Mas quando desviou sua atenção do Mestre para o vento forte, sua fé fraquejou e começou a afundar. Então gritou pedindo a Jesus que o socorresse. Depois de estender-lhe a mão, o Mestre recriminou-o mansamente: "Homem de pouca fé, por que duvidaste?" Então, "quando subiram para o barco, acalmou o vento". (Mateus 14:31-32.)

Foi realmente um fato impressionante, demonstrando mais uma vez aos discípulos o poder do Senhor sobre os elementos. Um ano antes ele acalmara uma tempestade no mesmo Mar da Galiléia. (Veja Mateus 8:23-27.) Se seu propósito agora era implantar no coração dos discípulos uma convicção ainda mais forte de que era de fato o Eleito enviado com poder e autoridade pelo Pai, ele o conseguiu; pois lemos: "Então aproximaram-se os que estavam no barco e adoraram-no, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus." (Mateus 14:33.)

Gosto de pensar, ainda, que estava ensinando um importante conceito referente ao nosso relacionamento com ele, como o nosso Salvador. Jesus ensinava muitas vezes por parábolas: "E falou-lhes de muitas coisas por parábolas... e nada lhes falava sem parábolas." (Mateus 13:3, 34.) Talvez consigamos aprender muita coisa considerando a experiência de Cristo e Pedro andando sobre a água como uma espécie de parábola dramatizada. Como em suas parábolas faladas, o incidente possui mais de um aspecto. À primeira vista temos uma interessante aventura no mar, em que o Senhor com seu poder sobrenatural salva um discípulo de afogar-se e possivelmente o barco de naufragar.

Noutro aspecto, vemos autoridade,

poder e milagre, contemplando com assombro o Filho de Deus comandar as admiráveis forças da natureza.

Em outro aspecto, podemos ver um significado adicional no acontecido, um simbolismo que nos ensina muito a respeito de nossa própria experiência na vida.

Pedro e os outros discípulos encetaram a viagem acatando uma ordem do Mestre. Nós, também, encetamos a jornada pela mortalidade em voluntária obediência à vontade divina. E, como os discípulos no barco que estavam a par dos perigos que enfrentariam no Mar da Galiléia com os repentinos temporais, iniciamos a jornada sabendo que haveria perigos ao longo do caminho.

Aprendemos nesta vida, como Pedro, que as defesas temporais às vezes ruem — ou afundam — em face das tempestades da vida. Descobrimos que existem forças capazes de derrubar nossos mais bem elaborados planos. Como Pedro, porém, podemos descobrir que nosso Salvador está a postos, possivelmente mal perceptível, pronto para nos ajudar, desde que o busquemos e aceitemos sua divina assistência. Não precisamos lutar sozinhos.

Imagine Pedro andando sobre a água pela fé. Ele consegue esse feito "impossível" por estar com os olhos fixos em Cristo. Se queremos chegar a Jesus, nós, também, temos de deixar de confiar nas defesas mundanas. Precisamos decidir onde está nossa melhor oportunidade de salvação na tormenta — no barco que, embora desgovernado ainda flutua, ou lá fora nas ondas com o Salvador.

As escrituras falam da "prova da fé" (Éter 12:6) pela qual temos de passar, indicando não ser automático o processo do desenvolvimento dela. É, antes, um processo progressivo — uma seqüência mandatória para todos que querem herdar a vida eterna. Cada passo de Pedro afastando-se do barco foi uma prova de sua fé; cada passo em direção a Jesus afastava-o um passo de seu costumeiro meio de sobrevivência. E cada passo era voluntário; não havia nada que o obrigasse a abandonar o barco e atender ao convite do Senhor: "Vem."

A certa altura, a atenção de Pedro desviou-se de Jesus, objeto de sua fé, para a ventania e ondas revoltas que o cercavam. Nesse momento de confusão, o medo ultrapassou a fé e Pedro começou a afundar.

O mesmo acontece conosco! Ao aprender o evangelho e desenvolver a fé, atingimos um ponto no qual nos sentimos suficientemente fortes para deixar o barco; decidimos largar as defesas mundanas e andar voluntariamente pela fé, em meio às tempestades, rumo ao Salvador. Cada passo pode tornar-se uma prova para nós. As ondas ao nosso redor são tão reais, à sua maneira, como aquelas que cercaram Pedro. E, como ele, *podemos* começar a afundar! Podemos sentir a pavorosa queda para a destruição e, em confuso desespero, querer voltar para o barco.

Mas espere! Nosso empenho de enfrentar as provas de nossa fé — nossos passos sobre as águas traiçoeiras da vida — de alguma forma nos reorientaram e buscamos segurança, não no barco como teríamos feito antes, mas na mão estendida do Salvador. Mão se agarra a mão, e somos puxados para junto do Mestre do vento e do mar. Ele já não é mais a figura vislumbrada indistintamente em meio ao temporal; sua voz já não se perde nos rugidos do vento. Agora estamos em casa; agora a prova passou.

E Jesus acalma a tempestade. ★

Pergunta: Ao usar uma denominação abreviada da Igreja, o termo "Mórmon" é correto?

Resposta: Dean B. Cleverly, assistente-executivo do Departamento Missionário, presidente do quorum dos setentas na Estaca Bountiful Sul, Utah.

Os membros da Igreja são seguidores ou discípulos do Senhor Jesus Cristo. No batismo, fazemos convênio de assumir o nome de Jesus Cristo (veja D&C 20:37); concordamos em seguir "o Filho com inteiro propósito de coração" (2 Néfi 31:13); e demonstramos disposição de sermos chamados de "seu povo". (Mosiah 18:8.) Este tem sido o padrão em todas as dispensações do evangelho.

As escrituras revelam que os seguidores de Cristo têm recebido nomes informais em substituição a títulos mais formais em várias épocas e lugares. Em Atos lemos que "em Antióquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos". (Atos 11:26.) O termo *cristão* talvez fosse a princípio aplicado como zombaria, como título escarnecedor dos adeptos da pequena seita hostilizada por toda a parte. (Veja Atos 28:22.) Mas era um título que os santos primitivos aparentemente estavam dispostos a aceitar.

Um século antes, nas Américas, o povo do Senhor era igualmente chamado de "cristãos" por seus inimigos (veja Alma 48:10) e também o aceitavam sem relutar: "Todos os que eram crentes verdadeiros em Cristo tomavam contentes o seu nome, ou o de cristãos, como eram chamados em virtude de sua crença no Cristo que haveria de vir." (Alma 46:15.)

Coisa semelhante aconteceu em nossos dias. Os primeiros membros da Igreja dos últimos dias receberam o apelido de "mórmons" por aceitarem o Livro de Mórmon como escritura-irmã da Bíblia. Originalmente um termo pejorativo, logo foi nome aceito e de uso bastante generalizado pelos santos dos últimos dias.

Entretanto, numa revelação dada através do Profeta Joseph Smith no dia 26 de abril de 1838, em Far West, Missouri, o Senhor determinou o nome correto desta igreja em nossos dias: "Pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias." (D&C 115:4.) Não deveria ser a igreja de Mórmon ou de Joseph Smith ou de qualquer outro homem vivo ou morto. Mas sim a Igreja de Jesus Cristo — de acordo com o Senhor, "única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra, com a qual eu, o Senhor, me deleito". (D&C 1:30.) E seus membros foram chamados de "santos dos últimos dias" para distingui-los dos membros, ou santos, que viveram nas dispensações anteriores do evangelho.

Em outra dispensação, os discípulos perguntaram ao Senhor qual deveria ser o nome da Igreja. O Salvador respondeu:

"Não leu ele (o povo) as escrituras, as quais dizem que deveis tomar sobre vós o nome de Cristo, que é o meu nome? Porque por este nome sereis chamados no último dia.

"E todo aquele que tomar sobre si o meu nome e perseverar até o fim, será salvo no último dia.

"Portanto, tudo quanto fizerdes, vós o fareis em meu nome; por conseguinte, dareis à Igreja o meu nome, e em meu nome invocareis o Pai, a fim de que ele abençoe a igreja por minha causa.

"E como poderá ser minha igreja sem que tenha meu nome? Porque, se uma igreja for chamada pelo nome de Moisés, então será a igreja de Moisés; ou se for chamada pelo nome de um homem, então será a igreja desse homem; mas, se leva o meu nome, então é minha igreja, desde que esteja fundada em meu evangelho." (3 Néfi 27:5-8.)

Esses ensinamentos mostram que referir-se à Igreja pelo seu nome completo e dado pelo Senhor — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — é absolutamente correto e apropriado. Entretanto, por ser muito longo, às vezes queremos abreviá-lo quando conversamos normalmente. Neste caso, muitas pessoas chamam-na simplesmente de a "Igreja", se tal referência ficar clara no contexto da conversa. Caso contrário, "Igreja SUD" é preferível a "Igreja Mórmon".

Para referir-se aos membros, geralmente é preferível dizer "santos dos últimos dias" ou "membros da Igreja" em vez de "mórmons".

Numa declaração a respeito da obra missionária, emitida em 1º de outubro de 1982, a Primeira Presidência reiterou a importância do nome da Igreja do Senhor:

"Tenham em mente que esta é a Igreja de Jesus Cristo; por favor, dêem ênfase a este fato ao fazerem contatos com outros. O Senhor revelou que a Igreja devia levar o nome de A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, 'pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias'. (D&C 115:4.) Achamos que alguns podem

confundir-se com o uso excessivo do termo 'Igreja Mórmon'. Devemos falar de Cristo, regozijar-nos em Cristo e pregar a Cristo; e devemos ajudar outros a conhecer a fonte na qual 'devem procurar o perdão de seus pecados'. (2 Néfi 25:26.) Viver e servir como cristãos deve corroborar nosso testemunho verbal...

"Através de renovada ênfase e uso do nome revelado da Igreja — A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS — ela crescerá e prosperará em todo o mundo." ★

E APLICAMOS AS ESCRITURAS AO NOSSO CASAMENTO

Spencer J. Condie

Bill e Susan são fiéis santos dos últimos dias que, após nove anos de casamento têm quatro filhos, um carro, uma bela casa e um bom e seguro emprego. Na verdade só falta uma única coisa no casamento deles: felicidade. Lógico que têm seus momentos felizes, mas os dias sombrios superam os de sol. Finalmente resolveram marcar uma entrevista com o bispo.

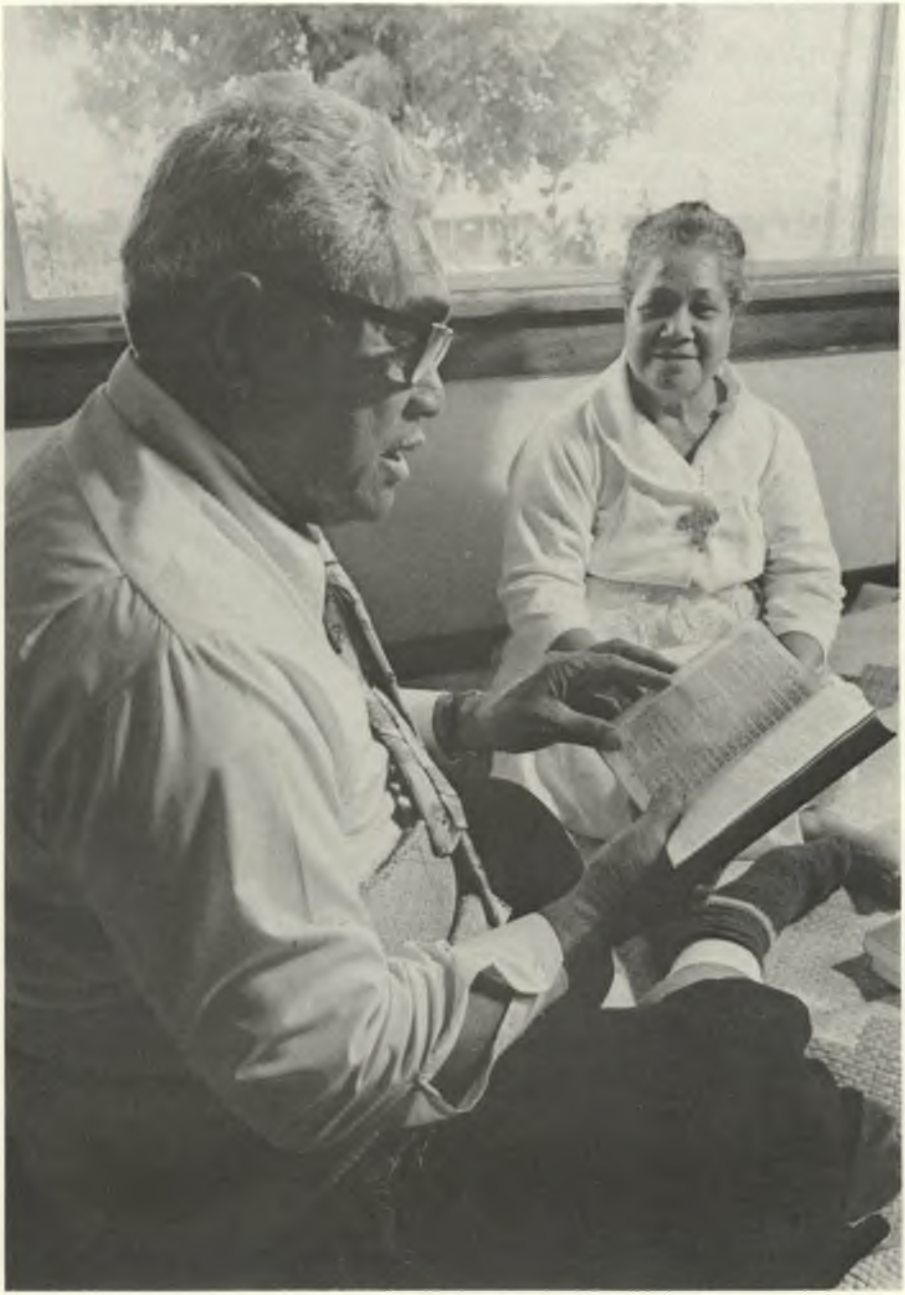
Depois de conversarem sobre diferentes problemas, o bispo explicou aos dois que todos nós tendemos a viver de acordo com um "roteiro" ou "texto" — padrões comportamentais que aprendemos de nossos pais ou outras pessoas influentes em nossa vida. Tais padrões e hábitos poderiam ser a causa de desentendimentos conjugais.

— Independente de que padrões nossos relacionamentos estejam seguindo, as escrituras podem-nos fornecer o roteiro de vida de que necessitamos para orientar nosso cotidiano. Bill e Susan, quantas vezes vocês costumam ler juntos as escrituras?

— Nós tentamos umas poucas vezes, — respondeu Susan, — mas fica difícil programar o estudo das escrituras entre o trabalho, outras obrigações e a televisão.

Então o bispo desafiou Bill e Susan a lerem as escrituras regularmente em busca de soluções para seus problemas mútuos. Bill chegou a protestar um pouco: — Mas, bispo, estudei as escrituras na missão e não me lembro de muitas passagens que digam especificamente como resolver nossos problemas familiares.

O bispo sorriu diante da resposta de Bill: — Talvez as respostas estivessem lá, Bill. Alguma vez já seguiu a recomendação de Néfi de aplicar as escrituras a nós mesmos? (Veja 1 Néfi 19:23.) Sugiro que na próxima semana vocês reservem diariamente quinze ou vinte minutos para um estudo sistemático das escrituras, começando com assuntos



Quando o marido se perde voluntariamente servindo sua esposa e filhos... a felicidade deles transforma-se numa grande fonte de alegria na vida dele.

específicos, se quiserem. Completem a leitura debatendo o que leram — e principalmente, apliquem as escrituras a sua vida familiar. Vocês poderiam ainda anotar as conclusões em seus diários, a fim de poder revê-las facilmente.

Bill e Susan aceitaram o desafio do bispo. Antes de começar, achavam que o conselho das escrituras — como as bem-aventuranças, por exemplo — servia para orientar sua conduta e atitudes para com os vizinhos, colegas de trabalho e amigos. Subitamente entenderam que *qualquer escritura que nos diz como tratar nossos semelhantes* é, por definição, um conselho inspirado de como os casais devem tratar-se mutuamente. Por exemplo:

1. *Ama-os como a ti mesmo.* (D&C 112:11.) Bill sempre fora um ávido esportista e apreciador de esportes. Pescar, jogar golfe, boliche, caçar, assistir a jogos de bola nos campos e na televisão era parte integrante de sua vida. Susan o acompanhava na medida do possível. Mas com a vinda dos filhos, tornou-se cada vez mais difícil para ela gastar muito tempo com tais coisas. E sentir a falta de ajuda do marido com as crianças tornou-se para ela uma constante fonte de irritação.

Lendo Doutrina e Convênios certo dia, certa passagem atingiu Bill com a força de um raio: "Ama-os como a ti mesmo; e que o teu amor abunde por todos os que amam o meu nome." (D&C 112:11.) Cruzou esta referência com outra escritura que lhe soou ainda mais familiar: "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á." (Mateus 10:39.) Sentiu-se envergonhado de sua conduta até então, ao lembrar-se da observação do Rei Benjamim de que "quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus". (Mosiah 2:17.)

Bill sentiu algumas pontadas de remorso ao reduzir gradualmente muitas diversões com seus amigos e passar a dedicar mais tempo à família. Muitas vezes levava as crianças para um passeio no campo ou numa volta de carro, dando uma folga a Susan para fazer compras ou simplesmente descansar um pouco em casa sem a pressão constante dos filhos. Resolveu também sair com Susan a sós toda a semana e fazer freqüentes caminhadas com ela depois das crianças estarem na cama. Estava decidido a "perder sua vida" em favor da felicidade da esposa e filhos. Então aconteceu uma coisa inacreditável: Ele começou a gostar de estar com a família mais que com os amigos.

2. *Suportar um ao outro.* (Veja Colossenses 3:13.) Seria maravilhoso se os trezentos e sessenta e cinco dias do

ano nos encontrassem na melhor das disposições. Na realidade, entretanto, às vezes estamos cansados e irritáveis, ou resfriados ou com dor nas costas — e então é bom que os outros "saiam do nosso caminho". Houve épocas em que Bill caçoava de Susan por não sentir-se bem durante a gravidez. Ouvi-lo dizer: "é só imaginação, querida", não melhorava coisa alguma. Nessas ocasiões, Susan ia para o quarto chorando e ficava sem falar com Bill até dois dias.

O crescente inventário de conhecimentos do evangelho do casal ajudou a mudar muita coisa. Susan está esperando o quinto filho, não passa bem e às vezes torna a convivência um pouco difícil devido ao seu estado. Mas Bill se orienta por Eclesiastes 7:8: "Melhor é o fim das cousas do que o princípio delas; melhor é o longânimo do que o altivo de coração." Resolveu demonstrar seu afeto pela esposa de muitas formas — mesmo quando as coisas não estão fáceis.

O Apóstolo Paulo disse-o muito bem em sua epístola aos Colossenses: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos, e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade.

"Suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra o outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também.

"E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição.

"E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine vossos corações." (Colossenses 3:12-15.) Paulo recomenda ainda: "Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra...

"Maridos, amai a vossas mulheres e não vos irriteis contra elas...

"Pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo." (Colossenses 3:2, 19, 21.)

Cristo ama Bill e Susan incondicionalmente. Agora os dois estão tentando desenvolver um amor semelhante um pelo outro, lembrando-se de que "em todo o tempo ama o amigo". (Provérbios 17:17.) Eles estão se tornando o melhor amigo um do outro.

3. *O Senhor de fato atende as orações.* Ao estudar o Livro de Mórmon, um dia, Bill e Susan perceberam uma coisa que não haviam notado em leituras anteriores. Eles estudavam a história de Alma, o filho, e dos filhos rebeldes do Rei Mosiah, e como um anjo do Senhor aparecera a eles dizendo:

"Eis que o Senhor ouviu as orações de seu povo, e também as orações de seu servo Alma, que é teu pai; porque tem orado com muita fé a teu respeito, para que tu sejas levado ao conhecimento da verdade; portanto, para esse fim é que venho; para convencer-te do poder e autoridade de Deus, e para que as orações de seus servos possam ser respondidas, de acordo com a sua fé." (Mosiah 27:14.)

Depois de discutirem os acontecimentos maravilhosos que se seguiram a essa visita do anjo, Bill e Susan lembraram-se das pessoas que haviam abençoado suas vidas no passado. O primeiro companheiro sênior de Bill na missão ajudara a responder as preces dos pais dele para que se tornasse um bom missionário. Susan pensou na influência de sua consultora, na classe das Lauréis, anos atrás, que ajudara a atender a orações paternas para que se casasse no templo.

O debate a respeito da oração levou a

um diálogo franco e sincero sobre certas mudanças em seu relacionamento pelas quais vinham orando em segredo. Susan orava para que Bill aprendesse a dominar melhor seu temperamento, e não falasse mais coisas grosseiras e que magoavam a ela e às crianças. Ele orava para que Susan fosse um pouco menos dominadora e prática, e se tornasse mais afetuosa e compreensiva. Agora que havia um canal de comunicação livre entre eles, estavam em condições de resolver certas divergências antigas em seu casamento, e tudo por causa de uma escritura que nada tinha haver com o casamento — conforme pensavam antes. Continuando a ler Alma, ficaram mais uma vez impressionados com a recomendação desse grande profeta de submeterem todas as suas preocupações e problemas ao Senhor, em oração. (Veja Alma 34:17-27; 37:36-37.)

4. *A mulher, o marido e o Senhor.* Certo versículo nas epístolas de Paulo vinha incomodando Susan havia anos: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor." (Efésios 5:22.) Agora ficava suficientemente à vontade com Bill para abordar o assunto: — Como você interpreta esta escritura? — perguntou. — Como podemos aplicá-la a nós?

Bill refletiu por um momento. — Bem, — respondeu finalmente, — quando na missão encontrávamos uma passagem difícil, costumávamos ler os versículos precedentes e seguintes para colocá-la no contexto apropriado. Vejamos o que dizem os outros versículos.

"Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados;

"E andai em amor, como também Cristo vos amou...

"Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.

"Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos como ao Senhor;

"Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo.

"De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.

"Vós, maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela...

"Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo.

"Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja...

"Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido." (Efésios 5:1-2, 21-25, 28-29, 33.)

Após a discussão desse capítulo, Bill e Susan concordaram que o princípio fundamental era amarem-se um ao outro da mesma forma como o Salvador nos ama. Isto é, devemos estar dispostos a nos servir mutuamente e até mesmo preparados para morrer um pelo outro. Bill comentou: "Querida, Paulo disse que a mulher deve sujeitar-se ao marido e que este é a cabeça da mulher assim como 'Cristo é a cabeça da igreja'. (Veja Efésios 5:23.) Quero pedir seu perdão pelas inúmeras vezes em que não fui um marido semelhante a Cristo. Muitas vezes pensei só em minhas próprias necessidades e prazeres sem me lembrar de você e das crianças. Prometo esforçar-me mais para incorporar em minha vida os ensinamentos do Salvador,

servindo-a, bem como as crianças, em lugar de dar-lhe ordens e fazer exigências."

"Houve vezes," prosseguiu, "em que realmente me sentia como marido dominado. Acho que sentia como seu *eu* estivesse sendo impelido a sujeitar-me a *você*. Mas desde que estamos procurando aplicar as escrituras em nossa vida, compreendi que nenhum marido que voluntariamente se perde servindo a esposa e filhos pode ser considerado dominado, pois está fazendo exatamente o que os torna mais felizes, e a felicidade deles transforma-se numa grande fonte de alegria na vida dele."

5. *Edificar um casamento celestial.* As escrituras nos dão um vislumbre ocasional de sociedade em que o povo "era uno de coração e vontade, e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles" (Moisés 7:18), nas quais "não havia contendas... em virtude do amor a Deus que vivia no coração do povo". (4 Néfi 1:15.)

Bill e Susan costumavam achar que cabia à Igreja estabelecer uma sociedade assim. Mas seu mergulho nas escrituras proporcionou-lhes o incentivo para pelo menos *começar* a edificar uma família que se sentisse à vontade numa cidade como a de Enoque.

Nos primórdios desta dispensação, o Senhor revelou a Joseph Smith que, com respeito à edificação do reino, "ninguém pode ajudar neste trabalho, a não ser que seja humilde e cheio de amor, tenha fé, esperança e caridade, seja temperante em todas as coisas, quaisquer que lhe forem confiadas". (D&C 12:8.) Seguindo a recomendação de Néfi de aplicarem as escrituras à própria vida, Bill e Susan entendem este versículo assim: "E ninguém pode ter um casamento feliz e gratificante, a não ser que seja humilde e cheio de amor, tenha fé, esperança e caridade, (e) seja temperante em todas as coisas."

O Senhor revelou a Joseph Smith que, com respeito à edificação do reino, "ninguém pode ajudar neste trabalho, a não ser que seja humilde e cheio de amor".

Seu inventário de conhecimentos do evangelho continua a crescer. Exatamente como pode diferir o programa de armazenamento das famílias, é bem provável que o "estoque" de escrituras de Bill e Susan contenha conselhos um pouco diferentes do de outros casais. Como acontece com a reserva de mantimentos, a bênção da reserva de escrituras é que "*se estiverdes preparados não temereis*" (D&C 38:30) — pois "*na caridade não há temor, antes a perfeita caridade lança fora o temor*". (I João 4:18.) ★

Spencer J. Condie, professor de sociologia na Universidade Brigham Young e pai de cinco filhos, serve como presidente da estaca BYU 10.

PATOS SÃO DIFERENTES

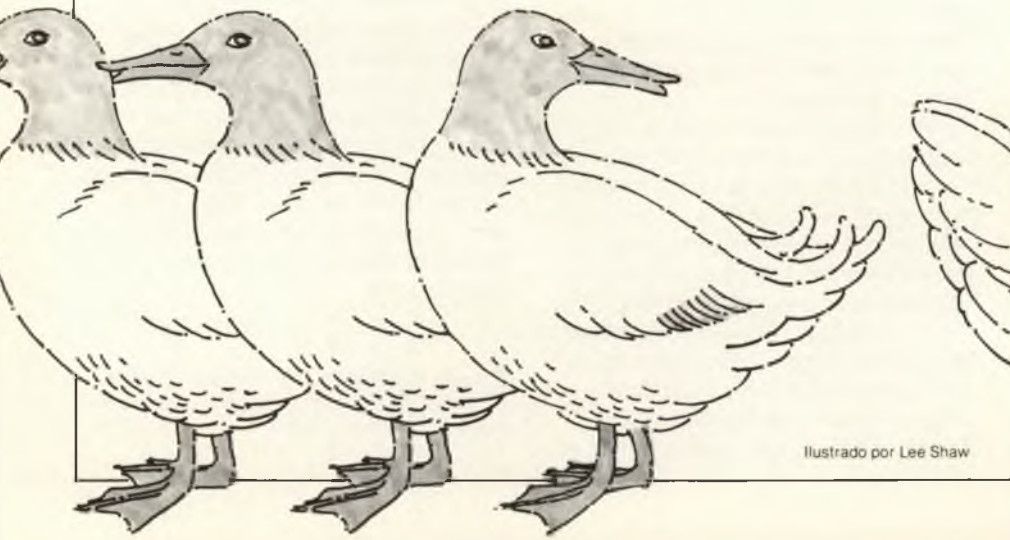
A TOLERÂNCIA É O INÍCIO DO AMOR CRISTÃO.

Ann N. Madsen

Uma de minhas mais remotas lembranças da infância é de meu bendito pai que sabia como ninguém acalmar os ânimos na família usando um dito samoano que aprendera na missão. *"E eseese pato"*, costumava dizer, o que significa literalmente: "Patos são diferentes." Ou, em outras palavras: "Cada um de nós é único; sejam tolerantes com o próximo. As pessoas *são* diferentes sem serem necessariamente más."

Sinto que essa freqüente experiência com meu pai foi o começo de minha compreensão das diferenças humanas.

O Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência, comentou recentemente um problema ligado ao princípio ensinado por papai. Dizia ele: "Vivemos numa



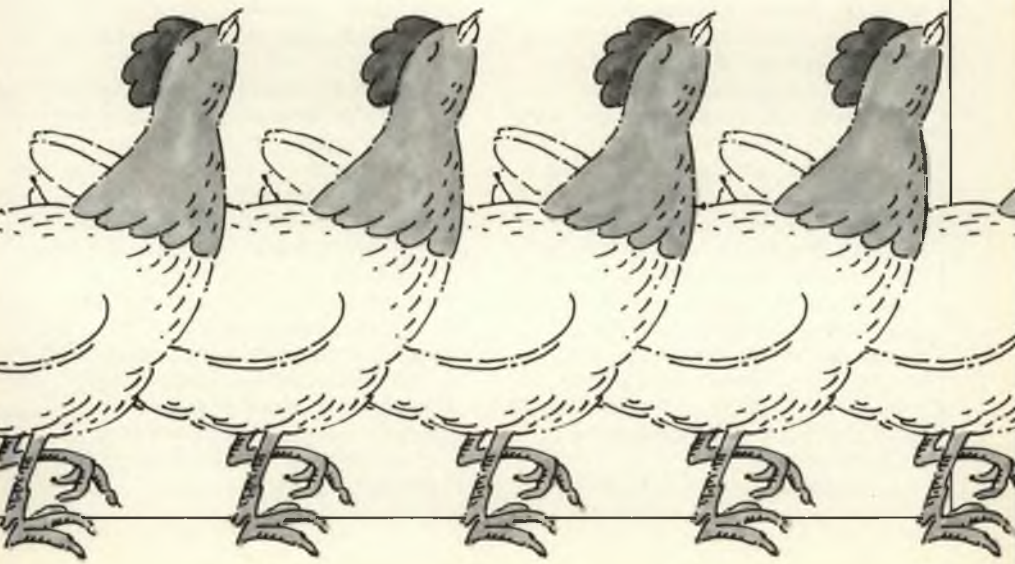
Ilustrado por Lee Shaw

sociedade tendente ao criticismo. Descobrir defeitos é o deleite de colunistas e comentaristas, existindo demais dessa tendência entre nosso povo. É muito fácil encontrar defeitos, e resistir a essa tendência exige muita disciplina... O inimigo da verdade quer dividir-nos e cultivar entre nós atitudes críticas que, se permitirmos que prevaleçam, apenas nos deterão na busca de nossa grande meta divina. Não nos podemos permitir tal luxo." ("Cinco Milhões de Membros — Um Marco e Não o Ápice", *A Liahona*, julho de 1982, p. 79.)

Como *devemos* reagir ao criticismo diário e hostilidade do mundo nestes tempos conturbados? E como lidar com os conflitos e falhas cotidianos em nossa própria vida?

Gostaria de sugerir que parte da resposta se encontra em duas frases de nossas Regras de Fé. Diz a décima primeira: "Pretendemos o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames de nossa consciência e *concedemos a todos os homens o mesmo privilégio,* deixando-os adorar como, onde ou o que quiserem." (Grifo nosso.)

"Conceder a todos os homens o mesmo privilégio" expressa obviamente o conceito da *tolerância* religiosa. E gosto de pensar que este é um princípio evangélico que pode ser ampliado para incluir a tolerância em todas as suas formas, exatamente o que meu pai queria que eu entendesse.



Na décima terceira Regra de Fé existe outra frase ligada à primeira: "Cremos... em fazer o bem a *todos* os homens." (Grifo nosso.)

Parece-me que "fazer o bem a todos os homens" expressa uma qualidade que vai um passo além do "conceder a todos os homens o mesmo privilégio" — algo que poderíamos chamar de *compaixão* ou perfeito amor de Cristo. Acredito que a tolerância conduz à compaixão e não conheço nenhum método rápido de desenvolver amor cristão sem passar pela tolerância.

O oposto de tolerância é, obviamente, intolerância, isto é, nos considerarmos mais justos que os outros — outra maneira de descrever o criticismo mencionado pelo Presidente Hinckley. Por que *somos*, às vezes, intolerantes para com aqueles que nos cercam?

Acho que é devido às diferenças que papai me apontou. Afastamo-nos dos outros por causa das diferenças que vemos neles. Só nos sentimos à vontade com os que se vestem como nós, pensam como nós e agem como nós; e ficamos constrangidos na presença dos que são diferentes.

Certas diferenças como a idade ou deformidades físicas não têm nenhuma importância e jamais deveriam dividir-nos. Quase todas as diferenças culturais cabem igualmente nessa categoria. Somos uma igreja mundial contendo as mais diversas culturas. Não nos podemos dar o luxo de isolar-nos em hábitos ou costumes locais.

A tolerância leva muitas vezes ao amor. A maioria dos quase trinta mil missionários nossos espalhados pelo mundo pode prestar testemunho disso, assim como os milhares que já terminaram a missão. Que programa inspirado mandar-nos como missionários pelo mundo afora, onde enfrentamos pessoalmente idiomas diferentes, muitas vezes diferentes maneiras de trajar, costumes diferentes e comida diferente. Chegamos como estrangeiros, mas com a preciosa mensagem da verdade restaurada a transmitir, o que nos motiva a esquecer as diferenças; e ao ensinarmos esses estranhos quem eles são — filhos de nosso Pai Celeste, nossos irmãos e irmãs numa família eterna — as diferenças dão lugar à afinidade.

Nossa dedicação ao evangelho torna-se o grande denominador comum. Sabemos de quem somos filhos, todos nós.

Esse conhecimento ajuda-nos também nas relações em que há diferenças que *são* importantes — diferenças de padrões, princípios, verdade e a confirmadora experiência religiosa que chamamos de testemunho. Apesar de exigir nossa lealdade, a verdade não deve ser uma barreira para a tolerância, a compaixão e o amor. Aceitar e amar outras pessoas não implica obrigatoriamente adotar suas idéias ou ser condescendente. Quando existem diferenças em questões essenciais, precisamos aprender a distinguir as pessoas de suas tradições e erros. Gente boa pode ter crenças erradas.

Além do mais, estar de posse da verdade, *conhecer* princípios retos e verdadeiros não torna um santo dos últimos dias melhor ou mais justo que outras pessoas. Pode ter esse efeito — mas é a vivência do que sabemos e não o conhecimento em si que realmente importa. Joseph Smith ensinava: "Todo o mundo religioso se jacta da retidão; a doutrina do diabo consiste em entorpecer a mente humana e estorvar o nosso progresso, enchendo-nos de hipocrisia. Quanto mais nos achegarmos ao Pai Celestial, mais haverá em nós a disposição de sermos misericordiosos com as almas que estão perecendo; sentiremos o desejo de levá-las nos ombros e suportar nas costas o peso de seus pecados... se quereis que Deus seja misericordioso para convosco, sede misericordiosos uns com os outros." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* "Satanás Entorpece a Mente Humana", p. 235.)

O evangelho nos ensina a não condenar nossos irmãos e irmãs por suas fraquezas e erros, mas mostrar-lhes pela maneira de viver como é possível evitar o pecado aprendendo e vivendo a verdade.

Nós somos como os alpinistas, sugere Henry B. Eyring, comissário de educação da Igreja. Precisamos subir mais e mais — porém não pisando em outros para conseguir um ponto de apoio para o pé. No momento que encontramos um ponto de apoio de verdade, devemos marcá-lo devidamente e estender a mão para os que estão atrás ou abaixo de nós para que consigam encontrá-lo também.

Dirigindo-se à Sociedade de Socorro em 9 de junho de 1842, dizia Joseph Smith: "Cristo disse que veio para chamar os pecadores ao arrependimento, a fim de salvá-los. Foi condenado por judeus hipócritas porque se associava com pecadores; ele, porém, os aceitava com a condição de que se arrependessem dos pecados. O objetivo desta Sociedade é reformar as pessoas, e não aceitar iníquos e apoiá-los em suas torpezas; caso se arrependam, porém, temos a obrigação de recebê-los, santificá-los e purificá-los de toda injustiça mediante a bondade, e com nossa atenção, velar por eles... *Nada tem maior efeito sobre uma pessoa para induzi-la a abandonar o pecado que levá-la pela mão e velar por ela com ternura.*" (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* "O Princípio da Misericórdia", p. 234; grifo nosso.)

Soube recentemente, do caso de um membro excomungado que saiu do tribunal da Igreja cheio de amargura e rancor. Muitos de nós, se tivéssemos participado desse tribunal, talvez disséssemos: "Ora, ele terá tempo de reconsiderar e acalmar-se."; e outros poderiam pensar: "Ainda bem que se foi." Mas um dos sumos conselheiros presentes, passou anos visitando esse

homem três vezes por semana até que ele abrandou, arrependeu-se e, espiritualmente renovado, pôde ser reintegrado na Igreja.

Qual deve ser minha atitude para com a pessoa excomungada, recentemente ou de longa data? Ou com a jovem mãe solteira? Ou com o rapaz SUD — ou outro qualquer — que, em idade de sair em missão, está tendo um problema com drogas ou bebida? Por que não aceitar a sugestão de Isaías 1:18-19:

"Vinde, então, e argüi-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.

"Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra."

Esta é uma das mais belas mensagens do evangelho, mas infelizmente às vezes justamente a que escondemos dos que relutamos influenciar com amor.

E qual deve ser minha atitude para com as pessoas de outras religiões, sejam quais forem? Não poderíamos aplicar o conselho dado a Lyman Sherman em Doutrina e Convênios 108:7?

"Portanto, em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece a teus irmãos."

A palavra *todas* aparece três vezes neste versículo, não deixando muito espaço para exceções.

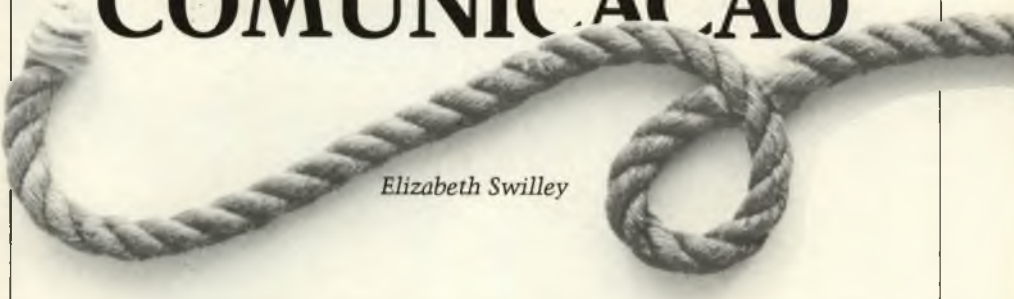
E, finalmente, com relação aos que se dizem nossos inimigos — aqueles, por exemplo, que vivem publicando e promovendo matérias anti-SUD? As escrituras são claras: Temos de orar por eles. (Veja Mateus 5:44.) Será que pelo contrário, nós devolvemos cada golpe da oposição organizada, tornando-nos anti--anti-SUD, gastando nossas forças inutilmente enquanto a causa da verdade precisa de paladinos e nos espera a obra positiva do reino? Nosso dever é ensinar as nações; e mesmo que rejeitem nosso ensino, jamais devemos negar-lhes nosso amor. Nossa máxima resposta aos que se julgam nossos inimigos deve ser amor.

Se conseguirmos aprender a ter paciência, permitindo a todos os homens o privilégio de buscar a verdade a sua própria maneira, teremos avançado um bom passo em direção à compaixão e amor do Salvador, que não viu nenhum inimigo entre seus crucificadores. O exemplo dele permanece para sempre, ensinando-nos o doce caminho que vai da tolerância para a compaixão e perfeito amor. A cada provocação que poderia levá-lo a insurgir-se contra seus adversários, ele dizia: "E eu, quando for levantado da terra, *todos* atrairei a mim" (João 12:32; grifo nosso), oferecendo-se assim a si próprio em nosso favor, para que tivéssemos oportunidade de nos arrepender.

Poderemos, nós, fazer menos pela vasta família de nosso Pai? ★

Ann N. Madsen, mãe de três filhos e instrutora de meio expediente na Universidade Brigham Young, é colaboradora do Comitê Curricular da Igreja.

LINHA DE COMUNICAÇÃO



Elizabeth Swilley

Jean sempre se lembrará da noite em que realmente aprendeu que o Pai Celeste ouve e atende as orações sinceras, mesmo quando proferidas por uma desconsolada garota de dezessete anos numa cidadezinha do sul da Georgia, Estados Unidos.

Minha irmãzinha Jean se batizara na Igreja quatro anos antes em Natchez, Mississippi. Eu fiz o mesmo mais ou menos na mesma época, mas estava morando e trabalhando longe de casa. Durante o curso secundário, Jean foi muito ativa em seu pequeno ramo. Mamãe cuidava de que não perdesse nenhuma reunião ou aula do seminário e participasse de todas as atividades. Assim, o testemunho de Jean foi ficando forte e sua personalidade alegre garantiu-lhe as simpatias de toda a juventude da Estaca Jackson Mississippi. Acho que não havia outra garota mais feliz que Jean naquele tempo. Estava levando uma vida ocupada, produtiva, aprendendo coisas que lhe seriam valiosas no futuro e divertindo-se com membros de sua própria idade.

Quando começou seu último ano do secundário, teve início também sua primeira provação. Mamãe se divorciou de nosso padrasto e foi-se afastando cada vez mais da Igreja. Já não ligava mais se Jean ia ou não às reuniões sacramentais, e muito menos às demais atividades. Jean continuou firme com a ajuda de seus amigos e o apoio e simpatia da família do bispo. Seu testemunho continuou crescendo e ela não abandonou nenhuma de suas atividades.

Na época da formatura, Jean descobriu que sua provação estava apenas começando. Mamãe casou-se de novo e mudou-se para longe, não deixando a Jean outra alternativa do que voltar a viver com nosso pai no interior da Georgia. Ele morava numa pequena e isolada localidade, onde era ministro da única igreja.

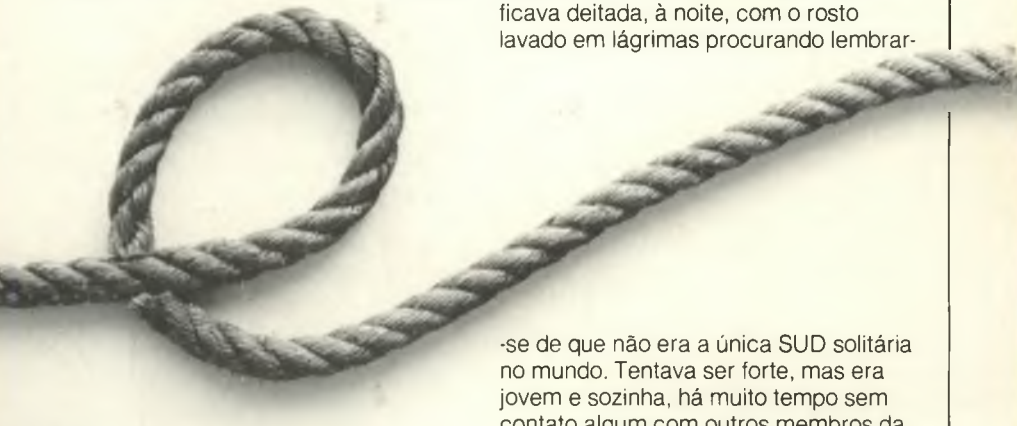
Papai sempre desgostara da Igreja e essa antipatia se transformara em ódio quando suas três filhas se batizaram nela. Jean era a caçula, sua querida, e magoava-o profundamente vê-la seguindo não apenas uma religião diferente mas como uma SUD, e ainda por cima dedicada. Encarou sua volta para casa como uma resposta às suas orações. Agora as coisas seriam diferentes;

poderia mostrar-lhe como estava errada.

Embora eu viva a mais de trezentos quilômetros, fui visitar Jean sempre que me foi possível durante o verão e levei-a para passar uns tempos comigo em Colúmbia. O verão, entretanto, logo acabou e Jean foi obrigada a voltar para a escola. Ela dispunha de um carro para ir e voltar da faculdade, mas não para seu uso pessoal nos fins-de-semana. O ramo mais próximo distava quarenta quilômetros e, mesmo que arranjasse um meio de lá chegar, papai não lhe permitiria ir. Como também não havia um instituto SUD na pequena universidade que freqüentava, simplesmente não víamos um meio de ela manter contato com membros da Igreja.

Os dias se transformaram em semanas e logo se haviam passado meses desde a

última vez que assistira a uma reunião da Igreja. Ela continuou lendo as escrituras, escrevia sempre em seu diário e passava horas de joelhos. À medida que se achegava mais ao Pai Celeste através de



orações sinceras, crescia e se fortalecia seu testemunho do evangelho. Passou a perceber quantas vezes não apreciara devidamente a oportunidade de poder participar das reuniões e atividades da Igreja, chegando mesmo a desejar que terminassem logo. Durante todo esse tempo, papai fez o que pôde para derrubar seu testemunho. Citava escrituras e mais escrituras, mas Jean também aprendera bastante escrituras no seminário, sendo capaz de responder com outras escrituras. Às vezes ele fazia acusações à Igreja e sua doutrina que ela não conseguia rebater ou não queria, para não provocar uma discussão. Embora seu testemunho continuasse intacto, manter-se constantemente na defensiva, sabendo que tudo que amava e considerava sagrado seria condenado com voz tonitroante pelo pai à mesa de refeições, em conversas com sua madrasta ou em orações em voz alta, deixava Jean abatida.

Certas noites, somente horas de joelhos a afastavam do desespero total; ela lutava contra o desejo de enraivecer-se com o Pai Celeste por desampará-la. Logo, até ler as escrituras preferidas foi ficando difícil pela saudade terrível que provocavam dos velhos amigos, professores e do bispo. Muitas vezes ficava deitada, à noite, com o rosto lavado em lágrimas procurando lembrar-se de que não era a única SUD solitária no mundo. Tentava ser forte, mas era jovem e sozinha, há muito tempo sem contato algum com outros membros da Igreja.

Certa noite de janeiro, Jean estava particularmente aflita. Seu pai e madrasta haviam-na censurado e orado em voz alta por sua alma até que estivesse a ponto de esbravejar. Ninguém entendia as provações que estava sofrendo. Suas irmãs mais velhas estavam do seu lado, mas muito distantes para poderem ajudar. Finalmente, Jean ajoelhou-se junto à cama e abriu seu coração ao Pai Celestial como tinha feito tantas vezes. Disse-lhe que sabia que ele a amava e que prometera não dar a ninguém um fardo mais pesado do que pudesse carregar. Implorou alguma espécie de ajuda porque seu fardo estava tão pesado que já não conseguia suportá-lo.

Quando Jean se mudou de Natchez, Mississippi, sua ficha de membro foi enviada ao ramo mais próximo de sua nova residência. Designaram-lhe mestres familiares. Entretanto, como ninguém jamais a viu nas reuniões e vivia tão longe, os mestres familiares não foram procurá-la. Achavam que provavelmente havia sido batizada na Igreja aos oito

anos, sem nunca chegar a freqüentá-la. Alguém no ramo ouvira dizer que havia em Egypt, Georgia, um Sr. Swilley que era ministro de outra igreja, deduzindo então que a tal Jean devia ser sua mulher. Não iam viajar tão longe para que lhe batessem a porta na cara!

Num ramo pequeno há muito trabalho para todos os membros. O referido mestre familiar residia a vinte quilômetros do lado oposto da cidade onde ficava o ramo, o que representava sessenta quilômetros até a casa de Jean por estradas rurais. Todos os meses seu relatório de ensino familiar estava completo, exceto quanto à Irmã Swilley. Sendo pessoa conscienciosa e responsável, isto o perturbava. Então decidiu ir visitá-la pelo menos uma vez para averiguar a situação.

Chegou uma noite em que não conseguiu sossegar enquanto não houvesse tentado visitar essa irmã. Chamou seu companheiro, um jovem de dezesseis anos, e puseram-se a caminho. Internando-se mais e mais na zona rural, foram ficando preocupados e com vontade de voltar. Algo, porém, os impelia a prosseguir. Mal sabiam eles que naquele mesmo momento Jean Swilley estava ajoelhada implorando ao Senhor que a socorresse. Quando enxugava as lágrimas ao terminar de orar, o pai bateu na porta de seu quarto. "Jeanie, tem dois homens lá fora perguntando por você. São da Igreja SUD e não vou convidá-los a entrar, mas você pode conversar com eles na porta."

Jean disparou pela casa até a porta da frente e lágrimas voltaram a correr-lhe pelas faces quando o mais velho dos dois lhe estendeu a mão, dizendo: "Nós somos seus mestres familiares..." Não precisou falar mais nada pois Jean atirou-se em seus braços para desabafar todo o desgosto e solidão que tinha dentro de si. Finalmente alguém aparecera, Deus ouvira mesmo suas preces.

Quando Jean contou sua situação àqueles bons homens, sei que ficaram comovidos. Lamentaram não terem vindo antes e prometeram levar o caso dela ao conhecimento do presidente do ramo. Oraram com Jean e disseram-lhe que os chamasse quando as coisas ficassem difíceis demais, partindo com as mais lindas palavras que Jean já ouvira: "Você não mais está só."

Jean continua não podendo freqüentar a Igreja, mas seu espírito está tão mais forte agora que sabe que o Pai Celestial é sabedor de suas necessidades e ouve suas orações. Papai disse que os mestres familiares poderiam continuar com suas visitas desde que falassem primeiro com ele. Quando Jean lhes explicou a situação, responderam que conversariam com ele, e de boa vontade.

Os mestres familiares de Jean tinham todo motivo do mundo para não visitá-la. Era difícil — uma hora e meia só de viagem. Ela não demonstrara nenhum interesse em vê-los. Eles achavam que não seriam bem recebidos, além de ocupados com tantas outras coisas no ramo. Assim, obedeceram ao influxo do Santo Espírito.

Esses mestres familiares jamais saberão quanta felicidade deram a minha irmã, nem de minha profunda gratidão ao Pai Celestial por ter atendido as orações de minha irmãzinha. Como podem saber o que resultará de sua conversa com meu pai? Ou que mamãe tão afastada que negava a Igreja sempre que podia, choraria ao saber que sua caçula já não estava tão infeliz e por quê? Como poderiam saber que mamãe diria chorando: "Eu sabia que ele cuidaria dela e ouviria suas preces." Sei que ainda mais coisas boas acontecerão por esses dois homens terem dado ouvidos aos sussurros do Espírito Santo. Espero aprender a escutar essa mesma voz e obedecer a ela. Espero isso para todos nós. ★

NÃO JULGUEIS

Carol Lynn Pearson

Meses atrás, falei numa conferência da Sociedade de Socorro a que estavam presentes umas trezentas irmãs. As moças também tinham sido convidadas e notei uma porção de adolescentes na audiência. Pouco depois de começar a falar, percebi uns cochichos à minha esquerda. Olhando nessa direção, vi três jovens atraentes conversando baixinho.

Imediatamente senti uma pontada de ressentimento. Estou acostumada a ter toda a atenção da audiência e não sou muito tolerante com pessoas que atrapalham o orador. Contudo, tenho experiência suficiente com grupos de jovens para saber quão gigantesco é o desafio de prender sua atenção, manter seus olhos fixos na pessoa que fala, suas mãos fora dos bolsos ou longe dos cabelos da companheira, impedir que provem os sapatos do vizinho ou que se cutuquem ou dêem risadinhas.

Entretanto, acredito firmemente que os presentes, mesmo os jovens, têm por obrigação respeitar o orador, obrigação de ouvir e não perturbar. Quando alguém na audiência continua a perturbar, eu costumo interromper-me, olhar para a pessoa com um sorriso até ser notada e reconquistar a atenção do ouvinte envergonhado. Então continuo a falar. Isto geralmente funciona.

Dei umas olhadas nas três jovens da primeira fila que continuavam cochichando, mas elas nem perceberam. Meu aborrecimento aumentou. Onde estariam suas mães? Por que vieram se não estavam dispostas a ouvir o que eu tinha para dizer? Por que os líderes forçam os jovens a fazer coisas de que não gostam e para as quais não estão preparados? Como ousavam conversar durante toda minha maravilhosa e

comovente apresentação quando todos os outros me ouviam, evidentemente fascinados?

Eu estava lendo "The Steward" meu poema predileto, e os cochichos prosseguiam. Várias vezes dirigi-lhes meu olhar, elas me encaravam e depois continuavam conversando de cabeças juntas. No fim do poema, fechei o livro e fixei-as diretamente. Sorri-lhes. Elas sorriram para mim. Reprimiram umas risadinhas. Continuei sorrindo para elas até se acalmarem e ficarem olhando para mim em silêncio. Então continuei meu discurso.

Todavia, os cochichos não pararam de todo. Estavam mais calmas, mas de vez em quando voltavam a confabular de cabeças juntas. Acabei desistindo e terminei meu discurso, desejando que não houvessem sido convidadas e que os jovens de hoje dessem um pouco mais de valor à cortesia.

Durante os refrescos servidos no saguão, uma senhora veio-me cumprimentar, e disse: "Irmã Pearson, espero que aquelas mocinhas não a tenham perturbado demais. Gostaria de contar-lhe uma coisa. Elas estão em nosso país somente há uma semana, vindas do Líbano, de onde escaparam apenas oito horas antes do massacre (de 16 e 17 de setembro de 1982). Provavelmente teriam sido mortas, mas não sei como puderam ser retiradas de lá e chegaram aqui. Nossa ala as adotou, por assim dizer. Quisemos que viessem hoje à noite apesar de não falarem bem o inglês. E por isso estavam ali sentadas procurando ajudar-se mutuamente a entender o que a irmã dizia."

Minha consciência estremeceu fazendo em pedaços uma impressão para revelar-me a realidade. Já não sentia mais vontade de sacudí-las pelos ombros. Queria tomá-las em meus braços e falar-lhes de minha alegria por terem vindo. De repente eu conhecia seu segredo e tudo mudou.

Deve haver muitos motivos para sermos admoestados a não julgar. Um, é para que não sejamos julgados também. Outro, estou certa, é que muito raramente vemos realmente o quadro inteiro. Vemos situações, pessoas, e as aparências, uma aparência extremamente simplista e muitas vezes enganadora. E julgamos. Mas depois recebemos uma informação e esta modifica tudo. E passamos a enxergar com outros olhos.

Lembro-me de muitas ocasiões em que minha primeira percepção se esboroou e algum conhecimento a mais anulou o mau juízo. Durante meus anos de universidade, olhava com assombro para um colega que chamarei de Roy. Por que era tão convencido? Sua necessidade de sobressair e ser elogiado não tinha fim. Sempre que conversava com alguém o assunto eram suas realizações mais recentes e os projetos do momento que lhe garantiriam merecida fama. Estava sendo subestimado, e não fazia segredo disso. Seu nome transformou-se numa piada. Chegamos à conclusão de tratar-se de um intragável egomaníaco, cantando loas a si próprio da manhã à noite.

Um dia descobri que uma de minhas amigas conhecia sua família. Ela contou-me certas coisas. "Sabia que o pai de Roy era alcoólatra?"

"Não sabia, não."

— "Era sim. Fez da vida deles um tormento. Era um sujeito maluco. Certa ocasião, quando Roy tinha uns cinco anos, ao entrar na cozinha, viu o pai tentando matar sua mãe. Foi uma cena

As três moças que ficaram cochichando durante meu discurso deram-me uma boa lição sobre compaixão.

Chegamos à conclusão de que Roy era um intragável egomaníaco, cantando loas a si próprio da manhã à noite.

horrível e Roy presenciou tudo."

O impacto dessa informação sobre minha consciência foi instântaneo. Todas as aparências, todo meu julgamento destruído, pude ver a realidade atrás da fachada. Enxerguei atrás do adulto intragável o garotinho traumatizado que eu gostaria de tomar nos braços e confortar. Nunca mais olhei para Roy com os olhos de antes. Sabia seu segredo, um de seus segredos, e compreendia.

No ano passado tivemos um sério problema com trotes telefônicos obscenos. A princípio pensei que o autor acabaria se cansando de passar trotes, mas não se cansou. Conversando com os vizinhos, descobri que diversas outras senhoras estavam recebendo telefonemas semelhantes. Após investigar, verifiquei que o autor desses telefonemas era um adolescente que morava em nossa rua. No trote seguinte, chamei-o pelo nome e disse-lhe que aquele seria seu último trote. Nessas alturas, é lógico, eu estava furiosa com ele. A meu ver, ele era clara e simplesmente um daqueles flagelos da vida, como os mosquitos, que não tinham direito à existência mas mesmo assim existiam.

Depois de muito debate íntimo, fui conversar com a mãe dele. Era evidente que o rapaz precisava de ajuda e esta seria impossível a menos que seus pais soubessem do que andava fazendo. Contei à mãe dele tudo sobre os mencionados trotes. Ela ficou surpresa mas aceitou o que lhe contei, mostrando-se muito grata por tê-la informado.

"Ando preocupada com Jack há muito tempo", confidenciou-me. "Ele está sofrendo uma pressão excessiva do pai que, parece, não lhe quer dar um minuto de tempo livre. Nos fins-de-semana, são as listas intermináveis de tarefas, e que nunca consegue fazer a contento. 'Você não aparou bem este canto do gramado, Jack', reclama o pai, ou 'Você não arrancou todo o mato'. Suas responsabilidades não têm fim. Na

Verifiquei que o autor desses telefonemas era um adolescente que morava em nossa rua.

semana passada o pai o fez datilografar a mesma carta quatro vezes, sempre encontrando uma falha diferente. Se o Jack não está em casa quando o pai chega, logo pergunta: 'Onde está o Jack? Está fazendo seus deveres?' E se está jogando bola na vizinhança, vai lá e o traz para casa. Às vezes, chegando em casa, Jack pergunta: 'Papai está?', e sei que o que realmente quer dizer é: 'Vou ter de *fazer* alguma coisa?' Quando o pai não está, ele se descontrai um pouco. Mas por pouco tempo. Ele até já adquiriu um tique nervoso. Estou certa de que toda essa pressão tem algo a ver com os tais telefonemas."

Outra vez o tremor na consciência. Lá se vai outra vez minha primeira impressão, permitindo-me ver o problema real. Conheço o segredo de Jack, pelo menos um pouquinho da mágoa íntima que o impele a fazer coisas tão tristes. E gostaria de ajudá-lo, incentivá-lo em lugar de golpeá-lo como a um mosquito. Afinal, ele merece viver.

Conhecer os motivos por trás de uma conduta sempre nos ajuda a entender melhor o próximo. Saber que sua esposa morrera num acidente de carro quando partiam para a lua-de-mel ajudou-me a saber como lidar com um professor muito esquisito na escola. Saber que meu pai não conseguia externar seu afeto porque o pai dele também não o fazia, ajudou-me a entendê-lo melhor. E quando olho para as pessoas que tendo a julgar, ajuda dizer a mim mesma: "Se conhecesse seu segredo, eu entenderia." Mas na verdade não preciso conhecer seus segredos. A privacidade merece respeito. Basta saber que *se* os conhecesse, teria outra opinião.

Ninguém deve cochichar durante os dicursos nas reuniões. Mas também ninguém deve exigir que a atenção de todos alimente seu amor próprio. Ninguém deve passar trotes obscenos. Mas se acontece alguma ofensa, convém olhar um pouco mais a fundo e tentar ver o que existe por baixo das aparências. Conhecendo o segredo de uma pessoa, fica mais fácil não julgá-la mal. ★

A VITÓRI

Carol Ann Prince

Ao nascer, Steve era um bebê lindo e perfeito sob todos os aspectos. Sua infância transcorreu sem problemas, sempre brincando e fazendo traquinagens. Tudo ia às mil maravilhas na vida dele até que um dia adoeceu.

A princípio a coisa não parecia muito grave; mas depois, como não melhorava, soubemos que tinha um tumor cerebral do tamanho de uma laranja e precisava ser operado imediatamente. Como meus pais se haviam separado, estávamos com mamãe. Os médicos avisaram mamãe que Steve provavelmente não sobreviveria à intervenção, mas mesmo assim decidiram arriscar. A operação levou doze horas. Steve estava inconsciente e não esperavam que estivesse vivo no dia seguinte.

Naquela noite mamãe fez os élderes darem uma bênção de saúde a Steve, com a firme esperança de que ele melhoraria. Meu irmão passou mal a noite inteira mas quando mamãe foi visitá-lo na manhã seguinte, encontrou-o sentado na cama pela primeira vez desde a cirurgia.

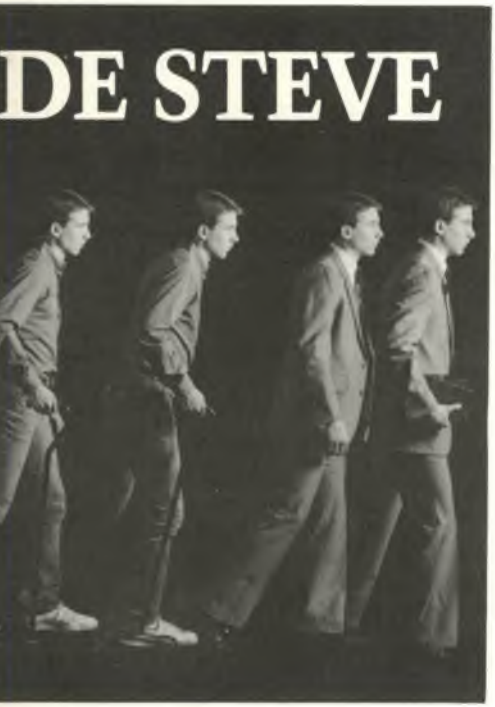
Foi o princípio de longa convalescença. Steve teve que aprender novamente a andar, falar e fazer todas as coisas como um bebê. Tendo grande força de vontade, mesmo sendo tão jovem, ele aprendeu a viver o cotidiano. Na escola teve de freqüentar um curso especial para crianças com problemas de aprendizagem a fim de alcançar o nível de seus companheiros de idade; mas ele era muito esforçado e logo o conseguiu.

Além da nova vida de Steve, nós todos nos estávamos acostumando a um novo pai, pois mamãe voltara a casar-se.

Justamente quando as coisas iam bem para o Steve, estava na hora de nova operação, desta vez para retirada de fluídos que pressionavam seu cérebro. Os médicos achavam que não seria uma operação difícil. Nós estávamos prestes a ir visitar Steve no hospital, quando veio um telefonema pedindo a presença imediata de meus pais porque Steve tivera um insulto cerebral e não esperavam que se recuperasse.

Foi realmente um ponto crítico em nossa vida como uma nova família. Tornamo-nos muito unidos lutando juntos por Steve. O insulto fora sério, mas

DE STEVE



tínhamos esperança e o evangelho em nossa vida. Confiamos no Pai Celestial nesse transe difícil e tivemos a companhia constante do seu Espírito. Steve de fato recuperou-se, porém com o lado esquerdo do corpo paralisado, sem poder falar, andar ou comer sozinho. Foram tempos duros para ele; ele poderia ter facilmente desanimado, mas não desistiu. Steve havia estebelecido metas pessoais, uma das quais era cumprir missão e servir a seu Pai Celeste. Parecia agora uma meta impossível. Entretanto, Steve jamais desistia.

Que dias difíceis para ele, confinado a uma cadeira de rodas e necessitando de fisioterapia diária! Mas nunca se queixou ou perdeu o ânimo. Apenas se esforçava muito. Finalmente pôde voltar para casa, mas na cadeira de rodas. Depois progrediu da cadeira de rodas para um andador duplo, o que era um feito admirável, e finalmente para um andador simples. Pensamos que seria o máximo que conseguiria, mas Steve nos enganou a todos. Continuou dando duro e finalmente conseguiu andar sem apoio.

Mas ainda não era o bastante para satisfazê-lo. Ainda faltava realizar a meta de cumprir missão — então se pôs a estudar muito na escola e familiarizar-se com o evangelho. O bispo estava um pouco cético quanto à missão de Steve, mas mesmo assim lhe deu todo o apoio. Para ver se ele conseguiria adaptar-se ao dia-a-dia da obra missionária, Steve foi chamado para uma missão de duas semanas na Cidade do Lago Salgado. Saiu-se tão bem que no domingo seguinte à sua volta, ele apresentou seu requerimento e em pouco tempo foi chamado para servir na Missão California Arcadia. Como ficou entusiasmado por ter conseguido atingir a meta estabelecida, ainda mais que nem esperavam que vivesse!

Steve é um exemplo para sua família e todos que o conhecem. Tem a força de vontade necessária para atingir suas metas e a determinação de continuar em frente mesmo quando as coisas parecem difíceis. Steve é um exemplo de que podemos alcançar nossas metas desde que tenhamos fé e nos esforcemos.

Tenho tanto orgulho de ser sua irmã! ★